

# Problemas habitacionais no trópico brasileiro

*Luís de Miranda Correa*

Poucas regiões de nosso mundo, possuindo características climáticas definidas, deixaram de criar condições especiais de vida identificadas com essas mesmas características.

A Amazônia brasileira, localizada quase toda dentro de faixa tropical, formando, talvez, a maior área geográfica cujo clima é praticamente invariável, é uma dessas exceções.

Em outras áreas tropicais, quer da África, quer da Ásia, um modo de vida adaptado à necessidades do meio

quentes. É sabido que nestas ocasiões, morava, vestia e comia como um natural da região, conservando de seus hábitos nacionais apenas o uso do chá, afinal de contas uma bebida oriental se adapta a qualquer clima.

Mais no passado e na mesma região, lembramos o exemplo das cidades mesopotâmicas especialistas nas técnicas do azulejo e da vitrificação do barro, para revestimento de interiores, premidas pela umidade. Da mesma maneira que no Egito antigo a arte do afresco teve grande desenvolvimento, graças ao clima excessivamente seco.



ambiente foi, sendo elaborado, através dos séculos, e, em muitos casos, aperfeiçoado.

Países como a Índia e o Paquistão, para não citarmos outros, possuem vestuário, alimentação e arquitetura identificados com o clima. Na própria Europa, célula mater de nossa civilização ocidental, encontramos variações quer nos estilos empregados nas construções, quer no vestuário ou mesmo na alimentação. A orientação seguida por construtores e arquitetos da Europa Mediterrânea, difere radicalmente da que norteou os seus colegas do centro ou do norte do continente.

Na região da Puglia, vamos encontrar uma arquitetura única na península itálica, lembrando certas construções gregas mais antigas. É presença do oriente, com tudo o que ele pode representar como área mais quente. O litoral africano do Mediterrâneo, apresenta características mais profundas de civilização submetida aos imperativos do clima. Mesmo europeus, como o extraordinário Lawrence da Arabia, não resistiram ao apelo da adaptação ao clima, quando lá residiram.

O inglês, antes de se transformar no guerreiro e criador de novas fronteiras, foi arqueólogo a serviço do "British Museum", passando largas temporadas em terras

Mais recentemente, não podemos esquecer os esforços dos novos dirigentes israelitas para chegar a moradia ecológica. Temos informações de que técnicos de vários países trabalham em Israel, procurando matérias que se identifiquem com o clima, bem como traçados para casas e edifícios que atendam às mesmas necessidades.

Os beigas iniciaram timidamente, um programa de moradia ecológica em sua colônia africana. Desconhecemos os resultados, mas sabemos que era uma iniciativa séria. Com a independência do Congo acreditamos que estas experiências não tenham prosseguido.

Ignoramos se Portugal, país que no passado se mostrou tão pioneiro em adaptar aos trópicos sua arquitetura, e em aproveitar a experiência oriental em sua própria vida, esteja trabalhando, em suas colônias africanas, com este objetivo.

No oriente, mais remoto, o Japão nos dá um maravilhoso exemplo de autenticidade e de inteligência. Através dos tempos elaborou e aperfeiçoou técnicas e estilos apropriados ao seu meio ambiente, utilizando a matéria prima disponível dentro de suas fronteiras. Alimentação, vestuário e arquitetura, traços que identificam culturas e civilizações, são conquistas a oferecer sugestões aos téc-

nicos brasileiros. A moradia ecológica sonhada por Gilberto Freyre, moradia que seja fácil de construir e fácil de usar, é uma realidade no país do sol nascente.

Esperamos que a ocidentalização levada ao Japão pelos norte-americanos no após guerra, não venha a prejudicar as conquistas positivas de técnicos e artistas daquele país, através dos séculos.

De volta à Europa vamos encontrar uma península ibérica orientalizada em muitos aspectos, principalmente na arquitetura, e dentro dela, Portugal, mais orientalizado e muito mais africanizado ainda.

A arquitetura ibérica em geral, e a portuguesa em particular, traem a origem africana, indiana e chinesa em muitos de seus aspectos. Alpendres, pátios, beirais, telhados, calhas, pisos, pontes, azulejos, arcos, entre outras, são particularidades extra-européias que chegaram à península com as sucessivas invasões árabes ou com os navegantes e descobridores.

O espanhol e sobretudo o português, soube aproveitar as lições de povos mais adiantados quanto à moradia ecológica, e muitas dessas lições alcançaram a América espanhola e portuguesa.

Os países americanos de colonização espanhola incorporaram em seus estilos com maior razão, os pátios e alpendres, os azulejos e as fontes, dando às vivendas não somente um colorido todo especial, mas acima de tudo uma dimensão de conforto e refrigério necessários os habitantes de países quentes.

Nas velhas cidades brasileiras, encontramos uma arquitetura portuguesa, ou luso-brasileira, híbrida pelas conquistas orientais ou africanas, e em muitos aspectos, superior ao que se faz hoje em várias regiões do país, e que se convencionou chamar o funcional.

Com razão Gilberto Freyre recrimina os arquitetos brasileiros por não terem ainda se preocupado com a moradia ecológica, trabalhando de comum acordo com sociólogos e economistas. O eminente professor vai mais longe em sua crítica, citando o exemplo de arquitetos colombianos, israelitas e indianos que, nesse ponto, terão se adiantado aos seus colegas brasileiros.

Muitos de nossos profissionais mais competentes têm se preocupado, em maior escala, com a forma e com a estética de seus riscos, que com as necessidades do homem a quem, em último caso, se destina à construção. Às vezes, o arquiteto se transforma em simples escultor, em projetor de formas, em artista no sentido mais puro, ignorando a outra parte de sua profissão que é a do cientista social, a do pesquisador.

Na região amazônica o problema de simples torna-se complexo. Quando os primeiros homens brancos chegaram na região encontraram apenas selvagens em estado primitivo. Nenhuma civilização que apresentasse soluções para a moradia nos trópicos.

Apenas, talvez, na alimentação, o primitivismo dos habitantes tivesse, por intuição ou pelas circunstâncias, chegado a um ponto interessante. Uma alimentação baseada no pescado, na caça, em alguns legumes e num grande número de frutas. Alimentação que ignorava as gorduras, até certo ponto, contra-indicadas ao clima.

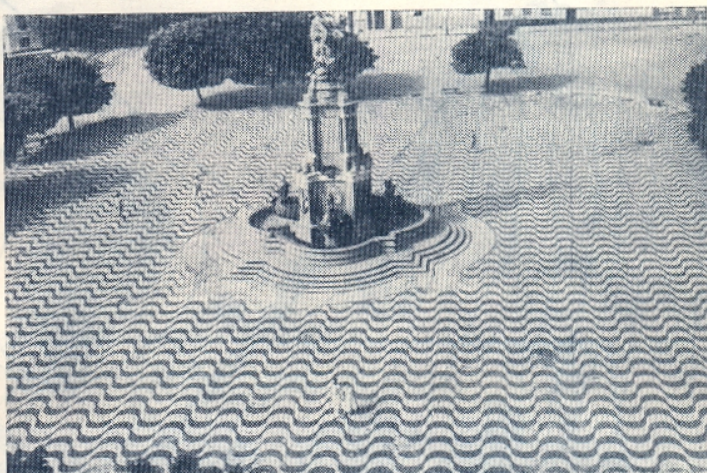
Na medicina tropical, no entanto, lamentamos que muitas das ervas e raízes usadas pelos médicos tribais, não tenham sido incorporadas à medicina do conquistador. E se o foram, em infinitos casos, acabaram sendo relegadas ao esquecimento, vencidas pelo prestígio das tisanas européias e mais recentemente pelos produtos manufaturados dos grandes laboratórios internacionais. Muito tempo

passou até que cientistas europeus descobrissem, — e comprovassem — a eficácia de certas ervas ou raízes, reabilitando-as para o próprio nativo.

O problema da vestimenta ecológica se nos afigura de maior gravidade ainda. Para os problemas de moradia encontramos atualmente certa receptividade no país, talvez pelos ecos que nos chegam de outras nações, e sem dúvida pela luta empreendida por um pequeno grupo de pioneiros, em que se destaca Gilberto Freyre, Arthur Cezar Ferreira Reis e Leandro Tocantins, entre outros. Luta que deveria ser comandada por arquitetos ilustres como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Mindlin e tantos outros. Lu a que deverá ser a ambição maior da nova Faculdade de Arquitetura da Universidade do Pará.

Mas o povo brasileiro em geral não tem a menor receptividade para o problema da vestimenta. Herdamos os costumes europeus e nada fizemos até hoje para adaptá-los ao clima de nosso país. Tentativas isoladas como as de Flávio Carvalho não sensibilizam a opinião pública, e se revés em de publicidade sensacionalista.

Nem mesmo a semitropical cidade do Rio de Janeiro, centro de um dos maiores parques de manufatura de roupas do país, tem se interessado pelo problema. Apenas a influência dos norte-americanos e dos italianos, tem difundido o uso do blusão, do "slack", da camisa de linha, muito mais indicada aos trópicos que os ternos e gravatas, de tropical ou de linho. Como na arquitetura, os sanitaristas se omitem também quanto ao vestuário.



Praça São Sebastião — Manaus

Voltando à arquitetura nos perguntamos a razão do desprestígio da madeira no Brasil tropical. Material usado constantemente na Europa e principalmente nos Estados Unidos, regiões importadoras de madeiras, é considerado de qualidade inferior na Amazônia, onde é encontrado em grande quantidade e variedade. Casas populares, médias e até mansões; no campo, na praia e na cidade — em regiões frias, temperadas ou tropicais — são construídas nos Estados Unidos, na Europa e na África.

É tempo de arquitetos, economistas, sociólogos e sanitaristas se reunirem, para juntos encontrarem o tipo de moradia adequado ao trópico brasileiro. Moradia popular e média pelo menos. Moradia a baixo custo, fácil de construir e habitar, e atraente em sua aparência externa.

Entidades oficiais interessadas no problema de habitação, poderiam financiar um programa de pesquisa e construção de conjuntos residenciais ecológicos, de alvenaria e de madeira, em amplos espaços arborizados.

Seria, sem dúvida um grande passo na solução de um dos problemas do trópico brasileiro.